

Design visual: processos experimentais no espaço urbano do Rio de Janeiro

Guilherme Reis y Jofre Silva (*)
UFRJ

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 283-285. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: febrero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Procura-se compreender características dos processos de criação do design visual em espaços projetados no ambiente urbano do Rio de Janeiro na atualidade. Utilizando a fotografia e outros experimentos estéticos, pretendo registrar cenários alternativos da ação de tempo e espaço em meus deslocamentos pela cidade. A intenção é retratar objetos que remontam uma espécie de corpo da imagem contemporânea. Tento a formulação de novos processos de subjetivação: membros justapostos que constituem meu imaginário, muitas vezes oculto, concomitante às faces de pessoas anônimas que resistem ao caos da vida cosmopolita.

Palavras chave: Fotografia – Design visual – Processos de subjetivação – espaço – experimental.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 285]

Na verificação dos ambientes propícios ao registro fotográfico, existe o espaço urbano com todas as suas formas de inspiração, pois é inerente transitar pelas ruas dos grandes centros e não absorver a demanda visual necessária ao funcionamento da comunicação presente nas placas, esculturas, ruas e fachadas que compõem a malha engenhosa da cidade. Dentro da infinidade de explorações, a propagação imagética nos âmbitos comercial, paisagístico, social, entre outros, também colaboram com as narrativas de experiências estéticas, cuja abordagem se mostra mais atraente nesta investigação.

Quando adentro a perspectiva dos passantes que coabitam a cidade, é possível capturar pequenas cenas ocultas do ambiente megalômico que se edifica sob muitas culturas e rostos desconhecidos. Este movimento compreende as camadas justapostas de histórias sociais e de algumas manifestações de caráter artístico, como no teatro, nas artes visuais e no design. Ainda, configuro a noção espacial da minha rotina cosmopolita: um contraespaço que aciona meu referencial de memórias baseado em cartografias sistemáticas dos tipos urbanos, segundo Michel Foucault:

As crianças conhecem perfeitamente esses contraespaços, essas utopias localizadas. É o fundo do jardim, com certeza, é com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios erguida no meio do celeiro, ou é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; [...] e, em seguida, esses homens, esses adultos se espantam quando as crianças, por sua vez, buzinaem aos seus ouvidos. A sociedade adulta organizou, e muito antes das crianças, seus próprios contraespaços, suas utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares. (2013, p. 20)

Logo, me conformo em desbravador de possibilidades errantes do deslocamento espacial, intrínsecas à fabulação dos registros imagéticos e da vivência ampliada de quem vigia um escape, uma ruptura, por onde passará

com toda a sua bagagem progressiva, numa realidade de tempo e espaço inventados neste estudo sobre os experimentos urbanos na contemporaneidade.

Atravessar um longo período de confinamento me fez refletir sobre a importância de partilhar alguns processos de criação, principalmente quando o ambiente externo ao conforto da minha casa sempre foi uma etapa primordial nos meus exercícios enquanto designer. Simplesmente andar por aí, ver pessoas, lugares diferentes, cartazes, estruturas adversas e comprar objetos inspiradores, próprios do espaço urbano, me fazem ter ideias sobre construir outros mundos a partir da diversidade e do modernismo reformado presentes nos estilos arquitetônicos da cidade do Rio de Janeiro.

Bruno Latour supõe que:

o design se estendeu dos detalhes de objetos do cotidiano para cidades, paisagens, nações, culturas, corpos, genes e, como argumentarei mais à frente, para a própria natureza – a qual precisa urgentemente ser reelaborada. É como se o sentido da palavra tivesse crescido tanto naquilo que os lógicos chamam de “compreensão” quanto no que eles denominam “extensão”. (2014, p. 2)

Mesmo com o avanço da informação via internet, as relações presenciais ainda são importantes para que se entenda a atmosfera da criação espacial. É pela imersão presencial do lugar que aprendo com as práticas cênicas da rua e das performances do acaso rotineiro que motivam a produção de um acervo do imaginário itinerante, das ações inacabadas e da diversidade cultural existentes na cidade grande. Busco no cenário realista urbano o motivo para exercer meu papel como designer, seja pela criação cênica espacial ou pela fotografia, precursores da pesquisa, e pelos quais absorvo as minhas maiores referências visuais. A imagem gravada pela foto sempre me auxiliou a fazer um recorte dentro das incertezas dos processos, além de seccionar possibilidades de novos ângulos e perspectivas para ações dramáticas, como faz o cinema. Acredito que os processos experimentais

corroboram com eficiência no próprio fazer da imagem, que possui também uma função especial de comunicar sentimentos ou de transformar a vida de determinado nicho social presente nos ambientes visuais.

Assim, para Latour, conforme citado acima, entender o próprio conceito de design significa acrescentar outras perspectivas, que estão presentes em todo ambiente ao nosso redor e que somam tudo aquilo que traduz minhas interpretações sobre um objeto ou imagem. Não basta somente ter o conhecimento da técnica, é preciso viver o que se propõe. É importante, sobretudo, manifestar-se na própria existência enquanto espectador e ao mesmo tempo criador. Assumir a multiplicidade dos saberes que se intercalam na construção de uma ideia, ou até de uma grande obra; ter a coragem de assumir os próprios sentimentos como forma de expressão universal. Segundo Barthes:

Eu via muito bem que estavam em questão movimentos de uma subjetividade fácil, que acaba logo, assim que a exprimimos: gosto/não gosto: qual de nós não tem a sua tábua interior de gostos, desgostos, indiferenças? Mas precisamente: sempre tive vontade de argumentar meus humores; não para justificá-los; menos ainda para preencher com minha individualidade a cena do texto; mas, ao contrário, para oferecê-la, estendê-la, essa individualidade, a uma ciência do sujeito, cujo nome pouco me importa desde que ela alcance (o que ainda não está decidido) uma generalidade que não me reduza nem me esmague. Portanto, era preciso passar a ver isso. (1984, p. 34).

Na atualidade, muitas experiências estéticas se baseiam em manifestações de cunho pessoal, onde o próprio autor da obra se coloca como um problema em questão. Assumir alguns erros é uma etapa importante na construção do imaginário que surge da vontade de transferir autoconhecimentos, pois é comum hesitar no tempo necessário ao elaborar uma imagem apenas, ou de um álbum de fotografias da família, suposto labirinto de incertezas na escolha por tal imagem, e não uma outra, talvez mais adequada. Porém, no momento da decisão, conforme alerta Guimarães Rosa: “o correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (1994, p. 449).

Rastros, estruturas e corpos na cidade

Dentro do novo espaço urbano que proponho pesquisar, uma ilha de significados se manifesta através dos objetos móveis e monumentos que remontam os cenários da minha história. Espaços personalizados em lapsos de passado, presente e futuro e que carregam outras marcas somadas à minha vivência e ao meu olhar pouco apurado. Lembro-me bem de quando eu era criança e meus pais me levavam ao Centro do Rio de Janeiro. Ficava deslumbrado com todas as esculturas históricas e majestosas. O atrativo naquelas construções era justamente o contraste entre a geometria rígida dos prédios modernos e a cidade antiga que se escondia nas sombras das estruturas parrudas.

A parte dos camelôs da Uruguaiana, complexo de mercados populares localizado no centro da cidade, chamava a minha atenção porque era maçante a quantidade de coisas expostas ao mesmo tempo e num mesmo lugar. Uma quinilharia sem fim. Tantos lugares em um só mercado. Aos poucos fui compreendendo que tudo era removível. As barracas eram desmontadas num dia para serem remontadas no outro. Logo, comecei a notar o funcionamento dos espaços cenográficos presentes na cidade.

A população que transita pela região central também é responsável por conferir uma personalidade ao espaço urbano. Garante a demanda de múltiplas identidades e de temáticas adversas. É definitivamente o lugar dos vários tipos e gostos, com muitas formas e cores. O fluxo de pessoas mantém a dinâmica necessária ao bom funcionamento do sistema de comunicação imagética do meu trabalho, mas é preciso que o registro menos ruidoso e talvez ingênuo perceba os dados relevantes. Por isso, absorvo o motivo cênico de alguns nichos específicos da cidade que libertam a criatividade amadora dos movimentos do corpo. Uma soma de prédios, objetos e pessoas remontam as cenas mais inspiradoras da composição experimental do espaço contemporâneo.

Pela memória conectada na raiz de objetos das regiões centrais e periféricas, observo composições imagéticas, presentes na construção de uma narrativa performática, de experiências estéticas resultantes de novos cenários. Corpos encontrados no mosaico dessas cenas que se alternam entre realidade e ficção, conferem urdidura e texturas ao material urbano. Assim, registros fotográficos da morfologia e anatomia da cidade estabelecem o estudo de estruturas básicas. Viabilizam a ambientação do corpo urbano nas imagens da pesquisa.

Rastros de transeuntes, recordações e outros episódios delineiam a primeira parte do acervo de personas urbanas. A dramaticidade assume um papel importante na elaboração das cenas fotográficas. O corpo anônimo e performático adere ao espaço urbano, criando vultos iluminados de tensão cênica e apelo gráfico. Ações teatrais agregam bastante em minha pesquisa, pois comprovam a sinergia dos movimentos cênicos do corpo na fotografia. Encenar é instalar-se numa perspectiva de espaço para conferir a dramatização de determinadas imagens. Perceber a sutileza dos movimentos corpóreos também agrega na fluidez das representações gráficas. De certo modo, é justamente isso que busco no desenvolvimento da imagem, seja pelas fotografias ou na possibilidade de novos espaços projetados, dimensão experimental do estudo. Existem situações importantes para o bom entendimento do design visual. Uma delas é a presença de modelos ou objetos de estudo preliminar (compreensão fotográfica dos tipos urbanos e pré-montagem dos experimentos) no estágio de identificação conceitual da pesquisa, que logo se conecta à fase de possibilidades cênicas do espaço urbano, ou seja, o ensaio fotográfico. A performance do corpo em contraponto ao ambiente de luz possibilita compreender a fluidez das formas urbanas sobrepostas às partes de um corpo orgânico, algo que confere uma estruturação mais natural dos processos de criação.

O nascimento da imagem acontece de forma progressiva. Na tentativa de traçar uma estética preliminar, procuro

algumas possibilidades de articulação visual para chegar aos processos de subjetivação possíveis pelo contato com espaços da cidade do Rio de Janeiro. Sob a espinha dorsal que fragmenta a cidade, existe a sombra do corpo que sempre pulsa e se comunica com os residentes. Um gigante de membros obtusos, que fragmenta os principais pontos da cidade. O material urbano ganha a textura da pele e a tecitura da imaginação ingênua no cenário de uma cidade dinâmica, que nunca termina em si e nunca para de crescer.

Referências bibliográficas

- Barthes, R. (1984). *A câmara clara. Notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições.
- Latour, B. (2014). *Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design* (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago.
- Rosa, João Guimarães. (1994). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Resumen: Este trabajo busca comprender las características de los procesos de creación del diseño visual en los espacios diseñados en el entorno urbano de Río de Janeiro en la actualidad. Mediante la fotografía y otros experimentos estéticos, pretendo registrar escenarios alternativos de la acción del tiempo y el espacio en mis desplazamientos por la ciudad. La intención es retratar objetos que reúnan una especie de cuerpo de la imagen contemporánea. Intento la formulación de nuevos procesos de subjetivación: miembros

yuxtapuestos que constituyen mi imaginario, a menudo ocultos, concomitantes con los rostros de personas anónimas que resisten el caos de la vida cosmopolita.

Palabras clave: Fotografía - Diseño visual - Procesos de subjetivación - Espacio - Experimental.

Abstract: This paper seeks to understand characteristics of the processes of visual design creation in spaces designed in the urban environment of Rio de Janeiro today. Using photography and other aesthetic experiments, I intend to register alternative scenarios of the action of time and space in my displacements through the city. The intention is to portray objects that reassemble a kind of body of the contemporary image. I attempt the formulation of new processes of subjectivation: juxtaposed members that constitute my imaginary, often hidden, concomitant with the faces of anonymous people who resist the chaos of cosmopolitan life.

Keywords: Photography - Visual design -Processes of subjectivation -space - experimental.

(* **Guilherme Reis:** Mestrando em Design pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Diretor e produtor de arte em produções teatrais e audiovisuais. E-mail guilhermerr@live.com. **Jofre Silva:** PhD em Fotografia, pelo Central Saint Martins College of Art and Design, Universidade das Artes de Londres (1999). Diploma em Fotografia, pelo Goldsmiths' College, da Universidade de Londres (1992). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o laboratório: Photography: Art, Design and Communication – PHADEC (<https://phadec.eba.ufrj.br/>).

Design Colaborativo e Território: Estudo de Caso do Projeto Piloto de Extensão Mulheres de Ouro

Lorena Gomes Ribeiro de Oliveira (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 285-290. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: marzo 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo de caso do projeto de extensão do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto denominado “Mulheres de Ouro”. Trata-se de um projeto piloto realizado com a abordagem do design colaborativo, tendo como participantes as mulheres produtoras de joias artesanais de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil). O processo de design com a comunidade pôde contribuir com uma série de ações voltadas para a promoção do território, da sua identidade e de seus produtos locais, bem como para a valorização do trabalho da mulher no setor joalheiro local.

Palavras chave: design colaborativo – projeto de extensão – mulheres – comunidade – território – joia artesanal – Ouro Preto.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 290]